



ABDUL RAICHANDE

# CIDADES DO GANGES

  
5 LIVROS

---

## **Cidades do Ganges**

Abdul Raichande

© Abdul Raichande, 2021. Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro é da inteira responsabilidade do autor.

Revisão: Do autor

Impressão e acabamento: Líberis – Print on demand

1.ª Edição: Junho de 2021

ISBN [Edição Impressa]: 978-989-782-312-1

ISBN [Edição Digital]: 978-989-782-313-8

Depósito Legal N.º 483547/21

## **5 LIVROS**

Rua da Boavista, 719, 1.º T

4050-110 Porto

Telef.: 222 038 145

Tlm: 919 455 444

[www.5livros.pt](http://www.5livros.pt)

[info@5livros.pt](mailto:info@5livros.pt)

---

---

## Índice

Prefácio .....	9
----------------	---

### 1.ª PARTE

Viagem para a Índia .....	13
Aeroporto de Nova Deli .....	16

### 2.ª PARTE

Rishikesh .....	23
Os satsangs .....	26
Karma.....	34
Visita a um Ashram – Escola de yoga .....	37
A Gruta onde Jesus Meditou .....	41
Um açoriano na Índia .....	45
O Limpador de ouvidos .....	47
Lições de tabla .....	52
Workshop de culinária indiana.....	56
Serviços de saúde.....	64
O último dia em Rishikesh .....	65

### 3.ª PARTE

Estação de comboios de Haridwar .....	69
Estação rodoviária de Haridwar .....	74
Viagem noturna para Lucknow .....	79
Viagem para Varanasi .....	87

### 4.ª PARTE

Varanasi .....	97
O festival Holly.....	105

---

Hijras .....	108
A cidade velha .....	111
Assi Ghat .....	114
Puja – a cerimónia do fogo .....	117
O Ritual da Cremação .....	120
Sarnat .....	127
Nataraj .....	132
O templo Kashi Vishwanath .....	134
A compra da tabla .....	136
O Adivinho de Varanasi .....	141
O jogo de xadrez .....	145
Ramnagar Fort .....	151
O Chá mágico .....	153

#### 5.ª PARTE

Nova Deli .....	159
Jama Masjid .....	166
Gurudwara Bangla Sahib .....	169
Indian Gate .....	172
Raj Ghat .....	174
Museu Nacional de Gandhi .....	177
Lótus Temple.....	180

#### 6.ª PARTE

Regresso a Lisboa.....	185
------------------------	-----

---

## Prefácio

Propus-me introduzir este livro. Achei que fazia sentido porque cada vez que lia um largo trecho, tinha a imediata vontade de partilhar o que sentia e como me fazia viajar. Depois chegou o compromisso e parecia ter ficado sem palavras... será que estaria à altura de introduzir tamanha graciosidade?

Com este livro, delicioso, odorífero, leve, mas opulento e carregado de vida, viajei. Fui até à Índia.

Mas não é uma Índia vestida de artefactos e sim uma Índia de verdades e transparências.

Pude vislumbrar a azáfama da urbe e a beleza da ruralidade e toda a paleta de cores que se derrama naquelas circunstâncias. Conheci um pouco do seu povo, os seus vícios, modos, trejeitos, as suas almas, cheiros e sorrisos. Conheci um pouco da sua riqueza e da sua miséria.

Percebi melhor o alcance da sua espiritualidade, nas várias formas como esta se expressa, profundamente enraizada na sua cultura e história.

E apesar da sua imensa riqueza em conteúdo, este livro é escrito de forma crua, mas hilariante. As suas personagens são reais, tão genuínas, desconfiadas, exploradoras, absorventes, enfim, humanas.

Fui à Índia, aprendi, diverti-me, coloquei-me em perspetiva, percebendo que a vida é tão vasta e tão relativa. Nunca saí do sofá.

Boas leituras!

Shaida Raichande



---

## **1.ª PARTE**





---

## Viagem para a Índia

Um pouco antes do meio dia a viatura da Uber deteve-se em frente ao n.º 99 da Calçada da Quintinha. Àquela hora, apesar do trânsito intenso na segunda circular, a viagem entre Campolide e o aeroporto foi rápida. O motorista, um jovem paquistanês com bom ar e língua comprida estava preocupado com o vírus contagioso que andava por aí. No rádio do carro ouviam-se relatos de muitas infeções e mortes em Itália, embora sem qualquer registo em Portugal.

– *Tenho alguns amigos que já estão a cancelar viagens para o próximo verão*, disse Arshad, o condutor.

– *Que exagero*, respondi, *até ao verão isto já passou*.

Recordei-me que anos atrás andou tudo apavorado com a gripe das aves, afinal não passara de um falso alarme. Isto devia ser semelhante.

– *As pessoas gostam de fazer tempestades em copos de água*, pensei.

A Índia absorve grande parte das férias pelo terceiro ano consecutivo. Na primeira viagem com a Faria, em 2018, visitamos Nova Deli, Agra, Jaipur e Varanasi. Fomos num circuito organizado e tivemos sempre a companhia de um guia e horários rígidos para cumprir. Embora tenha sido possível sentir uma ligeira fragrância dos locais, a intensidade desse perfume não encheu e talvez por isso, uns dias depois de retornarmos a Lisboa decidimos repetir

no ano seguinte. Em março de 2019 regressamos e em ritmo próprio percorremos Cochim, Coimbatore, Goa e Bombaim. Assim que aterramos em Lisboa concordamos em voltar mais uma vez, com mais calma, para apreciarmos outros locais e em especial Varanasi. Esta cidade deixou uma indelével e profunda marca e os dois dias em 2018 não chegaram. A sua descoberta exige mais tempo, para nos dilatarmos, conquistarmos a sua intimidade e absorver interiormente a vida e a morte que ali acontece.

No aeroporto de Lisboa, o processamento na zona de check-in e no rastreio de segurança decorreu sem qualquer constrangimento. A partida foi à hora prevista e depois de uma escala de duas horas no Dubai, voaríamos para Nova Deli, de onde seguiríamos num voo doméstico para um aeroporto nos arredores de Rishikesh.

Eram vinte e dois dias: sete em Rishikesh, cinco em Varanasi, e combinamos decidir mais tarde o que fazer com o resto das férias. Em Rishikesh tencionávamos participar numa serie de satsangs<sup>1</sup> que estavam a decorrer desde o início de fevereiro e que terminavam precisamente na semana em que lá estaríamos. Uma vez que este evento ocuparia grande parte das manhãs, desfrutaríamos das tardes para vaguear pela cidade e cercanias.

---

<sup>1</sup> Um satsang, é um termo do sânscrito que em português pode significar um encontro com a verdade. É uma expressão com origem nas tradições orientais e geralmente é utilizada em referência a sentarmo-nos junto a um mestre ou guru iluminado, isto é, junto a uma pessoa que realizou a verdade e que conduz aqueles que vão à sua presença. Nestes eventos, o mestre direciona os participantes através de um conjunto de perguntas e respostas, para a realização da sua natureza essencial, sendo por este facto considerado o fim da busca, pois possibilita a resolução das mais intrínsecas questões existenciais que movem a humanidade.

Na primeira aventura com a Faria, em 2018, percebi que era a pessoa certa para viajar e como lhe digo muitas vezes, viajar com ela é como se viajasse sozinho, não sinto necessidade de concessões ou de negociações e as coisas correm muito bem.

Até Nova Deli a viagem decorreu sem incidentes e como é habitual, não preguei o olho. Matei o tempo a ler, ver filmes e a refletir ensimesmado. Estes momentos acabam por ser meditativos, permitem um mergulho profundo ao interior.

---

## Aeroporto de Nova Deli

No Aeroporto Internacional Indira Ghandi, em Nova Deli, o tempo de transferência para o voo seguinte era apertado e o embarque seria feito num outro terminal, um pouco distante do local onde aterramos. Era urgente apanhar um transporte. Depois de recolher algumas rupias de um ATM, saímos acelerados da aerogare à procura de um transporte. Já no exterior, após ter questionado um agente da polícia percebi que tínhamos de apanhar um táxi, o que nos obrigava a esperar numa das longas filas. Sem outra alternativa, afundamo-nos na cauda de uma fileira de gente que parecia interminável.

– *Vamo-nos atrasar e certamente perder o voo*, pensei.

De cada vez que aterro na Índia, preciso de tempo para conformar os sentidos aos aromas que pairam no ar, à diversidade e à beleza das cores, a dimensão das multidões e amansar a alma à miséria das ruas das grandes cidades. Lembro-me que na primeira viagem estive mais de trinta minutos para atravessar uma rua em Bombaim. Naquela época o tráfego entorpeceu-me. Havia demasiado trânsito na rua, a confusão da multidão e de animais a circular de forma desarrumada deixou-me petrificado, sem conseguir mover durante alguns momentos. Era uma dinâmica muito diferente das cidades que conhecia.

Enquanto obedecíamos à fila lenta, surgiu um homem comprido e frágil que perguntou se pretendíamos um transporte e fingir aquela espera demorada. Depois de descrever a situação e da urgência que tinha, gesticulou afirmativamente e disse que tinha um carro parqueado um pouco mais adiante, que nos poderia conduzir de imediato ao nosso destino. Ainda perguntei o preço da corrida, mas o homem, com aquela ginga peculiar indiana (deixando cair a cabeça para ambos os lados) despreocupou-me, arrebatou uma das malas e arrancou. Seguimo-lo de perto, deixando para trás aquele caos de gente e de carros. Em ritmo enérgico percorremos cerca de trezentos metros até à viatura antiga e poeirenta onde estava outro homem, sentado no lugar do motorista. Eu insistia na questão do preço, o angariador aparentava estar distraído ou fingia não perceber, adiava a resposta. Depois de ter instalado as duas malas no compartimento traseiro e já sentados no automóvel, teimei na urgência e na questão do valor da corrida. Virando-se para trás, com aquele sotaque indianizado o motorista disse:

– *Five thousand rupees!*

Naquele instante, e depois de vinte e quatro horas sem olhar para dentro, a mioleira matutava em câmara lenta: parecia chiar, naquele longo processo de tradução do inglês e na conversão das rupias para euros. O primeiro resultado chegou lento e impreciso: seis euros. Era justo, para um percurso de dez minutos.

– *Ok! let's go*, respondi.

O táxi abalou, chocalhando as nossas ossadas por cima dos assentos imundos e estofados em napa *bordeaux*. Contudo, segundos depois um novo resultado, mais apurado e preciso surgiu: sessenta euros.

– *Isto é um autêntico roubo*, pensei.

Aos gritos, disse ao condutor que parasse imediatamente, que o preço era absurdo:

– *Já não quero os seus serviços*, disse furioso.

Ainda trocamos argumentos e o angariador também se meteu na conversa e ainda tentou rebater o preço para duas mil rupias (cerca de doze euros). Era tarde de mais. Eu já tinha a porta aberta e estava com um pé fora do táxi.

De imediato abri o porta-bagagens, retirei as duas malas e reparei que a Faria também já estava fora do táxi, apeada e em silêncio. Arrastamos a bagagem por aquela estrada irregular e regressamos ao terminal de chegadas. Ainda olhei de relance para trás, os dois homens mantinham-se dentro do táxi, discutiam e gesticulavam furiosamente entre eles. Fiquei com a suspeita de que não tinham entendido o que tinha acabado de acontecer.

– *Teria sido um assalto*, pensei.

Para aliviar a tensão disse:

– *Chegamos à Índia*, a Faria olhou para mim e acabamos a rir às gargalhadas, divertidos com a situação.

– *Isto foi uma entrada de carrinho*, acrescentei.

Se já estivesse mais adaptado ao país, provavelmente teria entrado no jogo e regateado o preço. Mas ainda nem a uma hora estava na Índia e já estava a ser assaltado. Voltámos a afundar na cauda daquela enorme fila e cerca de quinze minutos depois conseguimos encaixar-nos num táxi.

Depois de um percurso de dez minutos pelos contornos da cidade aeroportuária, o motorista largou-nos junto à entrada do terminal doméstico de passageiros. Em ritmo apressado entramos para o interior à procura do balcão de check-in. Sentia a respiração apressada, o corpo moído e estava a destilar. Não se via uma alma por ali. Através da informação no ecrã que estava suspenso na parede atrás do balcão, percebi que o processamento de passageiros para aquele voo tinha terminado. Instantes depois vi surgir um jovem elegante, enfardado de azul e branco com uma gravata vermelha.

– *Posso ajudar? perguntou.*

Depois de lhe explicar a situação, pediu para aguardar uns instantes e observei-o por alguns minutos enquanto falava ao telemóvel. Depois de pousar o *iphone* em cima da bancada disse:

– *Se não transportassem bagagem de porão, ainda poderia fazer qualquer coisa.*

– *Podemos levar estas duas malas pequenas na cabine, respondi, sabendo perfeitamente que pela dimensão e o volume as nossas malas não encaixavam em bagagem de mão.*

– *Não, extravasam as dimensões de bagagem de cabine, disse, não vos posso deixar embarcar neste voo, lamento, concluiu o funcionário.*

Acabamos por alterar a viagem e aguardar pelo próximo voo, programado para o final dessa tarde. Procuramos um espaço no interior do terminal de passageiros para relaxar e comer, e optamos pela área lounge. Por cinquenta euros ficamos a repousar até muito próximo da hora de embarque em largos e cómodos sofás. Tivemos oportunidade de comer e beber de uma diversidade de iguarias indianas que havia no composto buffet. Reparei que a Faria insistiu no *Sheer Khurma*, uma bebida doce confeccionada com leite, manteiga clarificada e especiarias. A flutuar nesta mistela viam-se pérolas de tapioca, aletria e pedaços de frutos secos.

– *Gosto muito desta textura cremosa, do sabor suave a especiarias e frutos secos, comentou.*

À hora marcada, embarcamos e voamos até ao Aeroporto de Joly Grant, em Dehadrun. Quando aterrámos já escurecia. Depois de sair para o exterior da aeronave, reparei que caía uma chuva chata e miúda, o ar esfriara.